

“À sua margem sonhamos: de onde viemos? Aonde vamos?” Memórias da inundação de Nova Iorque-MA (1968)

“We dream at its margins: Where did we come from? Where are we going?” Memories of the flood of Nova Yorque-MA (1968)

João Antonio de Sousa Lira^{1*}

RESUMO

O objetivo desse artigo é compreender as memórias de moradores da cidade de Nova Iorque-MA em relação a construção da Hidrelétrica de Boa Esperança e, como elas são reelaboradas no processo de rememoração da submersão da “cidade velha” - como chamam os moradores- e reassentamento para um novo centro urbano, ou seja, a cidade nova de Nova Iorque. Foram utilizados aportes teóricos da História Cultural, tais como, Certeau (2011) e Chartier (1990). Foram empregadas fontes orais oriunda do método da história oral a partir do aporte de Alberti (2013) através de entrevista de história de vida temática com cinco sujeitos de pesquisa. Logo, foi estabelecido diálogo com Halbwachs (1990), mediados por *A Memória Coletiva* que contrapõe a ideia de existir somente uma memória individual. Mediante as análises realizadas foi possível constatar lutas simbólicas entre os moradores e os agentes do governo desde a notícia da Construção da Hidrelétrica de Boa Esperança no final da década de 1950 e sua execução no final década de 1960, prevalecendo assim a imposição do mais forte em detrimento aos moradores da cidade de Nova Iorque que tiveram rupturas nos modos de organização do cotidiano.

Palavras-chave: Nova Iorque-MA; Hidreletrica de Boa Esperança; Memória.

ABSTRACT

The aim of this paper is to understand the memories of the citizens of Nova Iorque-MA in relation to the construction of Boa Esperança Hydropower Plant and how those memories are reelaborated in the process of reminding the submersion of ‘the old city’ – as it is called by its citizens – and the resettlement to a new urban center, that is to say, the new city of Nova Iorque. Theoretical references from the Cultural History such as Certeau (2011) and Chartier (1990) were used. We utilized oral sources from 5 individuals through thematic life story interviews based on the Oral History Method, referring to Alberti’s (2013) work. Hence, the research also relates to Halbwachs (1990) in his work “On Collective Memory”, which opposes to the idea that there is only an individual memory. Our analysis showed symbolic conflicts between the inhabitants and the government agents since the announcement of the construction of Boa Esperança Hydropower Plant in the late 1950s and its actual implementation in the late 1960s. This shows that ‘the fittest’ prevailed over the citizens of Nova Iorque, who suffered from ruptures in the way they organized their daily lives.

Keywords: Nova Iorque-MA; Boa Esperança Hydropower Plant; Memory.

¹ Universidade de São Paulo.

*E-mail: joao.lira.antonio@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Rio de dor, rio de mágoas,
Ocultando as imagens que refletés,
Rolam em meu ser as tuas águas,
Sob a treva e o silêncio, como o Letes...
(Como um rio misterioso² - Da Costa e Silva)

O Rio Parnaíba foi palco que protagonizou inúmeras transformações, principalmente as suas margens, que corresponde aos estados do Maranhão e Piauí. Dentre todas as transformações ocorridas, destaco sobretudo aquela que diretamente afetou, de forma irrevogável, os moradores das áreas que foram atingidas pela construção da Hidrelétrica de Boa Esperança na década de 1960. O rio, protagonista de dores e mágoas, no dizer de Da Costa e Silva, também foi protagonista de felicidades, lutas, despedidas, saudades... dos povos que rolavam em suas águas. Ao contrário do rio de Hades, na mitologia grega, o Letes, que causa esquecimento a quem o bebe, o rio Parnaíba é a personificação da memória, Mnemósine, pois quem teve suas vidas mergulhadas em suas águas lembrará de suas vivências e de sua experiência com esse ser que toca vidas - o rio.

Dito, isso é importante situar que esse artigo é um recorte da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão, onde debruicei-me a analisar a cultura escolar e o cenário educacional de Nova Iorque-MA entre os anos de 1938 e 1968, o que corresponde ao período da elevação de Nova Iorque-MA a categoria de cidade, à sua submersão pelas águas do Rio Parnaíba em 1968 devido a construção da Hidrelétrica de Boa Esperança.

Nesse contexto, o cotidiano da vida dos moradores da cidade de Nova Iorque começou a ser modificado pela veiculação da notícia da construção da hidrelétrica³ na segunda metade da década de 1950, no governo do Presidente Juscelino Kubitschek

² Trecho do poema “Como um rio Misterioso” do Poeta simbolista Antônio Francisco da Costa e Silva, nascido em Amarante, PI conhecido apenas por Da Costa e Silva (1885-1950), formou-se advogado pela Escola de Direito do Recife. Foi funcionário do Ministério da Fazenda e trabalhou em vários estados, como Maranhão, Amazonas, São Paulo e Rio Grande do Sul. Embora o poema não retrate especificamente do acontecimento analisado no artigo por ora apresentado, serve como referência para abordar as questões ligadas ao Rio Parnaíba e suas transformações, uma vez que a cidade qual o poeta nasceu fica as margens desse rio. Fonte: <http://www.algumapoesia.com.br/poesia3/poesianet315.htm>

³ A execução do projeto constituía-se na construção da barragem e usina, com potência instalada de 300.00 CV e criará como consequência um reservatório de acumulação de 200km de linha de fundo e 430 km² de espelho d'água (COHEBE, 1967)

(1956-1961), como obra do I Plano Diretor da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste para elevar o índice de consumo de energia elétrica no Nordeste que era extremamente baixa (BRASIL, 1966). O projeto de construção se deu início apenas no ano de 1963 no Governo do Presidente João Goulart com a criação da Companhia Hidrelétrica de Boa Esperança - COHEBE (LIMA, 2007) e, no final da década de 1960, a cidade de Nova Iorque-MA foi submersa devido a esse empreendimento. No entanto, um outro conglomerado urbano foi arquitetado para realocar a população que seria afetada.

O contexto mais amplo dessas relações de poder não será por ora objeto de análise⁴, muito embora essas apareçam no acontecimento da inundação da cidade e realocação dos moradores para o novo local, onde se construiria uma nova forma de sociabilidade. O que pretendo destacar nesse texto são as memórias dos sujeitos que foram afetados por esse acontecimento dentro de uma estrutura mais ampla. Assim, o objetivo desse artigo é compreender as memórias desses sujeitos em relação a construção da Hidrelétrica de Boa Esperança e como elas são reelaboradas no processo de rememoração da submersão da “cidade velha” - como chamam os moradores- e reassentamento para um novo centro urbano, ou seja, a cidade nova de Nova Iorque.

A fim de apreender essas questões utilizo aportes teóricos da História Cultural (CERTEAU, 2010; CHARTIER, 1990), entendo a memória desses sujeitos, no que se refere a temática em questão, enquanto objeto cultural, ou seja, enquanto um produto desse acontecimento que foi a construção da hidrelétrica e submersão da cidade, uma vez que as memórias representam visões, elaboração e percepções da forma como foi vivenciado essas modificações na estrutura social a época. Para tanto, foram utilizadas fontes orais oriunda do método da história oral através de entrevista de história de vida temática com cinco sujeitos de pesquisa - que serão apresentadas posteriormente - que consiste “prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido” (ALBERTI, 2013, p. 48).

Também foi utilizado o relatório de atividades de 1963 e o plano de trabalho para maio/dezembro de 1969 da COHEBE e, notícias de jornais para ajudar a entender o contexto que se passava a época. No entanto, ressalto que a centralidade das análises da pesquisa se deu através das fontes orais.

⁴ Uma vez que já o realizei de forma breve no mestrado e continuo expandindo essas análises no doutorado em Educação na Universidade de São Paulo.

No que se refere a memória, e por ser esse um conceito polissêmico, com diferentes concepções (memória social, memória étnica, memória artificial), dialogo com Maurice Halbwachs (1990), mediados por *A Memória Coletiva* que contrapõe a ideia de existir somente uma memória individual, visto que, postula que só conseguimos rememorar fatos passados de nossa existência estando em contato com os outros, mesmo quando eles não estiverem presente, pois, em nossas memórias evocamos lembranças do grupo ao qual pertencemos, seja ao contemplarmos uma pintura, ao ouvirmos uma música ou ao observamos uma construção arquitetônica, portanto

[...] Nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomendada, não somente pela mesma pessoa, mais por várias. (HALBWACHS, 1990, p. 25)

Sendo assim, é preciso entender os dois tipos de organização de memória posto por Halbwachs (1990), a primeira se trata da memória individual, aquela que se organiza em torno de um indivíduo com subjetividade definida no quadro de sua personalidade, onde suas lembranças individuais são àquelas que não foram compartilhadas diretamente com o grupo, porque pertence apenas a ele. O segundo tipo trata-se da memória coletiva, pois essa envolve as memórias individuais, em outros termos, é o compartilhamento de lembranças em comum entre os membros da comunidade.

Desta forma, a memória coletiva possibilita a articulação das narrativas dos sujeitos pesquisados, uma vez que estes fazem parte de um grupo e de uma sociedade historicamente situada com crenças, valores e atitudes definidas e por isso possuem percepções que se complementam no que diz respeito a esse período e acontecimento.

SUJEITOS DA PESQUISA

Apresentaremos brevemente nossos cinco sujeitos de pesquisa, a fim de que possamos conhecê-las. É importante mencionar que após realizar o contato inicial junto aos sujeitos de pesquisa foi apresentado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, em que houve a autorização para utilizarmos os dados obtidos na entrevista, respeitando os preceitos éticos da resolução 510/2016 que regulamenta pesquisas na área de Ciências Humanas e Sociais. Assegurando, portanto, o sigilo da identidade dos sujeitos

de pesquisa. Logo, esses serão identificados como⁵ como Girassol, Flor de Maracujá. Flor de Algodão, Bromélia e Flor de Cajueiro.

Girassol

Nascida na cidade de Nova Iorque Velha no dia 17/10/1939, filha de mãe, deficiente física. Girassol a identifica como “pedinte, uma esmoler”, uma vez que sua condição física a impedia de trabalhar. Seu pai não consta no registro. Perguntado sobre sua vida na cidade velha, a qual responde “Meu fie, pra quem vive criada pela uma esmoler (silêncio) essa vida não foi boa”.

Girassol teve como profissão a quebra do coco e era artesã de chapéu de palha da carnaúba. Viveu a vida quase toda na cidade velha, pois, como nos relata “eu só morei três anos fora de Nova Iorque, quando eu me casei em 63, e em 66 eu vim me embora para Nova Iorque”.

Flor de Maracujá

Professora aposentada, nascida na cidade de Alto Parnaíba no 19/03/1939. A mesma nos fala quando chegou em Nova Iorque “Eu cheguei em Nova Iorque com a idade de um ano e oito meses, que minha mãe contava, né sabe!”. Filha de mãe e pai respectivamente doméstica e lavrador.

Flor de Algodão

Nasceu na cidade de Nova Iorque velha no dia 09/12/1942, é professora primária aposentada. Filha de pai e mãe lavradores.

Bromélia

Nasceu na cidade de Nova Iorque velha no dia 12/11/ 1939, dona de casa, filha de pai carpinteiro e mãe também dona de casa. Dona de uma voz ativa e olhar sereno, entre risos, gargalhas e lágrimas nos falou sobre sua vida e a cidade em que nasceu e que morou desde o seu nascimento

Flor de Cajueiro

⁵ Utilizamos o nome de flores encontradas em Nova Iorque para identificar nossos sujeitos de pesquisa.

Nasceu na cidade de Nova Iorque velha no dia 15/12/1945, professora aposentada, lecionou na velha cidade entre os anos de 1964 e 1968. Filha de pai comerciante e alfaiate e mãe dona de casa e costureira. Morou a vida quase toda em Nova Iorque, pois, foi estudar o curso normal regional na cidade de Floriano-PI onde tornou-se professora.

MEMÓRIAS QUE TRANSBORDAM: da medição das casas à inundação

(...)Passa a vida? Continua...
Porque o tempo é que flutua,
como um rio de veludo,
sobre todos, sobre tudo...
À sua margem sonhamos:
de onde viemos? aonde vamos?
E o destino indiferente
vai impelindo a torrente...
Passa a vida? Continua...
Com o tempo quem passa é a gente.
Mas, vida, se nós passamos,
de onde viemos? aonde vamos?
(Como um rio misterioso - Da Costa e Silva)

Tal qual o poema de Da Costa e Silva, a notícia da inundação da cidade de Nova Iorque, causou, de certa forma, reflexões a quem habitava aquele local. O tempo flutua? Mas em que direção? Em direção ao progresso e desenvolvimento? E as saudades? E as vidas afetadas? E o sentimento de pertencimento? Os sonhos as margens do Rio Parnaíba e a incerteza do para “onde vamos?” assolou os moradores aquela época. O destino qual seria?

Primeiramente, por se tratar de empreendimento programado para o desenvolvimento energético do País, no processo de construção da Hidrelétrica de Boa Esperança foi necessário a realização de estudos topográfico onde constatou-se o alagamento total das cidades de Guadalupe – PI e Nova Iorque – MA; e o alagamento parcial das cidades de Uruçuí-PI e Benedito Leite- MA. Dessa forma, foi arquitetado novos centros urbanos para as duas cidades que seriam inundadas completamente, incluindo um programa de transferência dos moradores para esses novos locais.

No que se refere a cidade de Nova Iorque-MA, abordado nesse artigo, as visitas técnicas topográficas da Companhia Hidrelétrica de Boa Esperança (COHEBE), iniciaram-se em 1964 com o intuito de mapear a região para a elaboração do Projeto de Urbanização do novo centro urbano, tendo em vista o processo de realocação dessa cidade

e seus moradores (COHEBE, 1964). Afinal, o que constitui, em suma, uma cidade são os indivíduos que nela habitam e a forma como organizam seu cotidiano.

Entretanto, para que esse empreendimento viesse a obter sucesso estava imbricado um processo de ruptura social, cultural e afetivo para com os moradores, uma vez que suas vidas seriam mudadas em detrimento de uma força política desenvolvimentista que inunda cidades para alcançar seus objetivos. Por outro lado, esse empreendimento representaria a geração de energia para a região Nordeste, uma vez que seu consumo apresentava baixos índices até a década de 1960 (BRASIL, 1966); bem como, a perspectiva de condições de vida mais digna para os moradores da cidade. Quanto a essa última questão ainda é cedo afirmar se houve realmente melhoras nas condições de vida na nova cidade, uma vez que a pesquisa por ora realizada não se debruçou sobre esse novo espaço urbano, no entanto a pesquisa atual de doutoramento tenta abarcar esse dilema.

A respeito das visitas técnicas na cidade de Nova, vejamos as narrativas:

[...]primeiro eles vieram fazer [...] os topógrafos, o levantamento da cidade. Eles andavam de casa em casa tomando nota das pessoas, dos donos da casa, quantos cômodos tinha, qual era o tipo da casa, se era coberta de palha, o tipo do acabamento, se era tijolo, se era taipa, essas coisas, num sabe. Por isso que teve a cidade... por isso que quando nós chegamos aqui pra receber as casas a gente... teve cada A, B e C, os tipos das casas. A “A” é aquela mais ruins que eram de palha, de taipa, outra vez só de palha mesmo, o piso só aquele grosso mesmo, num sabe. Agora os quartos, dependendo do total de pessoas na família aí eles davam os quartos. A nosso mesmo, nós recebemos a B. [...] as assistentes sociais fizeram muita reunião, muita, conversaram muito, explicaram muito tudo direitinho. Toda... antes de começar entregar as casas elas faziam reunião debaixo daqueles paus... (Flor de Maracujá, 25 de dezembro de 2018)

[...]Era uma equipe que... que passou muito... muito tempo aqui, umas assistentes sociais, era a Olga e Luzia elas organizavam, faziam reuniões, convidavam o pessoal proprietário das terras para orientar, para explicar como era que ia... que ia acontecer tudo direitinho, era... passou muito tempo aqui, era só essas assistentes sociais conscientizando o povo. (Flor de Cajueiro, 04 fevereiro de 2019)

[...]ahh meu filho! muitos moradores queriam aceitar não, mas...ficaram triste, é claro que com a mudança a gente não pode ficar assim muito alegre não, em nenhuma mudança num é não. tem deles que saiu, saiu da cidade. Aconteceu umas duas famílias saíram pra outra cidade e depois voltaram. (Flor de Algodão, 26 de dezembro de 2018)

Mediante as narrativas, constata-se que houve dois momentos fundamentais rememorados pelos nossos sujeitos no que diz respeito ao processo de notificação da inundação da cidade. O primeiro diz respeito à ida dos topógrafos para medição das propriedades privadas e das casas, essa prática tinha como objetivo mapear os tipos de moradia existentes e seus moradores, pois, a partir desse levantamento seriam construídas na nova cidade casas com especificações semelhantes. Nesse sentido, segundo *Flor de Maracujá*, existiam três tipos de moradia: A, B e C. Assim, as residências classificadas como casas do tipo A, representavam casas com cobertura de palha, chão batido, paredes de palha ou taipa; as do tipo B, possuíam cobertura de palha, paredes de alvenaria ou de taipa a sebe e piso de tijolos; já as casas do tipo C, eram cobertas de telha, parede de tijolos e piso de tijolos ou ladrilhos cerâmicos (COHEBE, 1968).

O segundo momento, diz respeito às reuniões iniciadas no ano de 1964 pelas assistentes sociais Olga Mohana⁶ e Luzia⁷, que nesta ocasião eram agentes do Estado. Nesse sentido, provavelmente operavam com intuito de convencer ou “conscientizar” os moradores a aceitarem a mudança e a inundação da cidade. Segundo a narrativa de *Girassol* “as palestras que tinham que eram o jeito, mas aí a terra foi indenizada”, ou seja, a inundação era inevitável e caberia aos moradores aceitarem. Em contrapartida, quem possuía terras na antiga cidade de Nova Iorque seriam indenizados durante o processo de desapropriação.

Os conflitos e resistência a esse processo foram de ordem sutis, ou seja, simbólica, como a saída de moradores para outras cidades, possivelmente daqueles que não possuíam casas e terras, a fim de começar novas vidas. Deste modo, entendemos que as relações de comunicação, e neste caso as reuniões “são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material e simbólico acumulados pelos agentes” (BOURDIEU, 2010, p.11).

Neste período, começaram a pôr em prática a construção da Hidrelétrica de Boa Esperança, ao mesmo tempo que se iniciaram também a construção, rio acima, do que

⁶ Professora de canto e ex-diretora da Escola de Música Lilah Lisboa. Graduada em Canto pela Universidade da Bahia, Olga Mohana também era Assistente Social pela antiga Faculdade de Serviço Social do Maranhão graduada em 1964, Olga exerceu por alguns anos a profissão, destacando-se nesta fase o trabalho de supervisão na preparação e transferência da população da cidade maranhense de Nova Iorque para a nova sede, por época da construção e inauguração da Hidrelétrica de Boa Esperança. fonte: <http://avlma.com.br/site/olga-mohana/>

⁷ Não foi possível até o momento localizar mais informações sobre a assistente social.

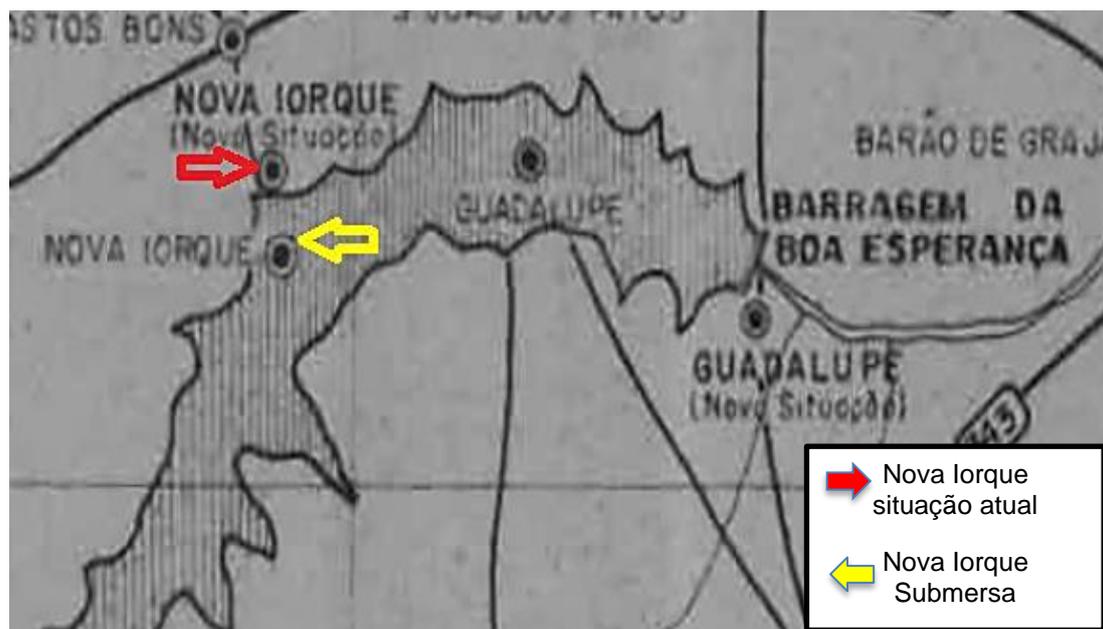
hoje se transformaria na nova Nova Iorque, pois, os dias da antiga cidade estavam contados.

Nova Iorque Velha é realmente o tipo de cidade da qual se pode dizer com absoluta precisão: “visite-a antes que ela acabe”. E de fato, a impressão que se tem é que aquilo acabaria dentro de pouco tempo, mesmo que o Parnaíba não fosse represado em Boa Esperança. Desde que se começou a falar na barragem, que a velha cidade como que passou a sentir-se já debaixo d’água por antecipação. Sua espantosa decadência arranhou na última hora uma boa desculpa: rio vai inundar as ruas e por isso há quatro anos ninguém faz mais nada ali. No fundo, tem ela hoje a melhor esperança dada por Boa Esperança. A de ressurgir nova e mais bonita em outro local [...] O prefeito Homero, depois de nos fazer almoçar em sua residência, na velha Nova Iorque, conduziu-nos até a cidade nova, não muito distante [...] as casas são bonitas e confortáveis, não só as que vão servir de residência, como as que ficam na área comercial, havendo também casas mistas para o comércio e moradia. Tudo está sendo feito ao mesmo tempo. Nova Iorque não é uma cidade que cresce como as outras. É uma cidade que se faz de uma vez, que surge na chapada por encanto. (Coluna de José das Chagas, *Jornal de Bolso- São Luís -MA*, 31-05-1968)

A notícia de jornal acima retrata uma visita do colunista às duas cidades de Nova Iorque, a antiga e a nova ainda em construção aquela época. Em relação a descrição da primeira cidade, ou seja, a cidade velha, há uma espécie de denúncia com o acaso qual se encontrava, provavelmente de deterioração dos prédios públicos, casas e ruas. Por outro lado, a representação do colunista, quanto a segunda, instiga uma esperança que nasce como por encanto na chapada, onde as condições possivelmente seriam melhores para todos, com planejamento e urbanização de ruas, de casas, saneamento básico e com construções de prédios públicos.

No entanto, há de se levar em consideração que durante esse acontecimento, pessoas estavam tendo suas vidas drasticamente afetadas e, embora a nova cidade estivesse atrelada aos prognósticos de desenvolvimento e esperança de dias melhores, o futuro ainda era incerto. Essas pessoas guardam lembranças da desapropriação de suas vidas na materialidade da cidade deixada para trás e todo o cotidiano construído nas relações uns com os outros. São sentimentos sensíveis: amor, dor, mágoa e principalmente a internalização, pelos moradores, da ideia que nunca mais seria possível andar por aquelas ruas novamente. Portanto, embora a nova cidade surja como esperança em sua materialidade, há também um sentimento de perda e saudade submersas nas memórias dos moradores e no leito do Rio Parnaíba.

Figura 01: Localização da cidade de Nova Iorque antes e depois de ser inundada



Fonte: COHEBE (1968).

Observa-se na imagem 01, a localização atual e antiga da cidade de Nova Iorque, pois, após a inauguração da hidrelétrica criou-se um lago, e com isso, como ver, a cidade foi inundada. Assim, o processo de transferência dos moradores foi gradual para suas novas residências, lotes e propriedades. Para tanto, também houve reuniões com as assistentes sociais para tratar dessa realocação.

[...]Muita gente ficou sem casa e muita gente que não tinha casa morava em casa alugada e quem recebia era o dono, o dono que tinha casa alugada. Ela deu muito lote, as pessoas venderam porque quiseram, mas depois... lotearam muito, muito, aqui a cidade... essa cidade aqui foi muito loteada. Deram muito lote para o povo. (Flor de Maracujá, 25 de dezembro de 2018)

[...]Quem não tinha eles deram material, as assistentes sociais orientaram o pessoal que não tinha casa pra vim aqui retirar o material das casas, as portas boas, aqui... essa porta bem aí mesmo desse quartão bem aí ela veio de lá da Cidade Velha, que essa casa aqui era da Edith do Zé Ferreira e eles trouxeram material de lá, essa porta bem aí veio de lá da Cidade Velha. Aí eles davam, eles davam a oportunidade para o pessoal que não tinha casa aproveitar as portas, as janelas, tudo que pudesse das casas boas de lá. Eles ajudaram nessa parte, eles não davam não a casa feita não. (Flor de Cajueiro, 04 de fevereiro de 2019)

[...]deram casas, né, pras famílias que tinham casa lá, num é. A proporção em que deixavam a casa construída a pessoa ia se mudando, eles entregavam né. Eu achei, né que nesse sentido de nossas casas, de

nossas residências foi um mudança muito boa pra nós pobres, porque meu filho, lá tinha casa até de... assim tampadinha de palha, né, paredinha de palha, a portinha de esteira que você acho que nem sabe o que é... de esteira né, umas casas muitos né... e essas casas, casas boas. Estamos com cinquenta anos, esta que estou morando agora que aqui e acolá aparece uma rachadurinha né... ai fizeram aquela propaganda aee que as casas de lá ninguém consegue armar nenhuma rede, ninguém consegue nada, vai cair por cima da gente, ai foi diferente né... tão ai as casas né. Quem foi de reformar reformou, melhorou mais, né. Tão ai as casas com cinquenta anos (Flor de Algodão, 26 de dezembro de 2018)

[...]eles só viviam fazendo reunião para comunicar tudo que acontecia eles falavam para a gente: “Tal dia vamos construir, a água vai subir, vai tomar essa cidadezinha de vocês, mas a COHEB vai dar outra. Aí começaram a chegar e começaram construindo essas casinhas aí, construindo, quando foi no dia da... de mudar, eles vieram, já estavam tudo lá dentro, um povo mais educado do mundo como eu nunca tinha visto, tu acredita, senhor? Aí eles vinha: “Olha, você não tem casa, mas você vai fazer uma casa muito bonita, não vá se contrariar, não vai...”, era assim que eles diziam. Aí quando eles foram, para a gente se mudar eles trouxeram os carros, o pessoal vinha se mudando, ela vinha chamando: “Olha, sua casa é essa, o número tal. Dona Maria, a sua casa é o número tal. Dona Bromélia, a senhora não tem, mas você vai levar o material, você vai arrumar, você vai morar e vim morar aqui nessa casa aqui. (Bromélia, 04 de fevereiro de 2019)

Diante as narrativas, percebe-se que muitos moradores não possuíam casas em Nova Iorque, porque moravam de aluguel e conseqüentemente não ganhavam casas construídas na nova cidade, uma vez que, estas seriam destinadas aos seus proprietários. Entretanto, a solução encontrada para amenizar essa situação foi o loteamento e distribuição de terrenos para que esses moradores pudessem construir suas moradias. Nesse sentido, outro problema surgiu, a falta de materiais de construção, que foi resolvido em partes com a orientação das assistentes sociais para que pudessem retirar os materiais das casas da antiga cidade de Nova Iorque como portas, telhas, tijolos, janelas, dentre outros, como foi o caso de *Girassol* e *Bromélia*.

Nota-se com isso um processo de adaptação à realidade por parte desses moradores diante a imposição do governo, entretanto, *Flor de Algodão* e *Bromélia* avalia positivamente essa mudança no que diz respeito a essa questão, porque as pessoas que não tinham terra para morar ganharam um lote para fixar-se e com isso uma perspectiva de terem uma vida mais digna.

Já, para os moradores que tinham casa na antiga cidade, foram construídas novas casas na cidade nova. Durante esse processo surgiram representações de que a construção destas moradias seria de má qualidade, que não haveria lugar para armar rede e que logo

desabariam. No entanto, como diz *Flor de Algodão*, as casas estão a mais de 50 anos e nunca caíram. Possivelmente essa representação tenha surgido a partir das famílias com maior poder aquisitivo da cidade que não queriam perder suas casas, terras, e seu local de poder na cidade antiga, pois a mudança da cidade de um local para o outro vinculava também o estabelecimento de uma nova ordem social, inclusive com uma nova distribuição espacial dos moradores, pois as casas eram construídas aleatoriamente. A título de exemplo: os vizinhos que uma pessoa poderia ter na cidade nova não seriam necessariamente os mesmos da cidade antiga.

Assim, à medida que as casas ficavam prontas providenciava-se a mudança dos moradores. A COHEBE disponibilizava carros para esse trajeto, e esse processo de transferência foi findado na primeira metade do mês de maio 1968, dias antes de ocorrer a etapa do desvio das águas do Rio Parnaíba no dia 25 de março, inundando assim a cidade. Como ato final de despedida ocorreu uma procissão. A este respeito vejamos as narrativas.

[...]que quando foi no dia da muda de Santo Antônio, teve cantando toda vida aquelas da igreja [...] Mas foi muito bonito no dia da mudança que veio santo Antônio. (Girassol, 22 de dezembro de 2018)

[...]Agora a mudança... vou te contar. Foi bonita e foi triste, porque aquela água do rio subindo, subindo, tomando conta, de conta da cidade. Você pisando naquela água subindo que era tomando de conta da sua casa... aquilo foi bonito... e no dia mesmo que vieram pra cá, teve a missa, foi lindo demais, trouxeram Santo Antônio, muito bonito, muito bonito. Esse povo chorava... (Socorro Lima, 25 de dezembro de 2018)

[...] a gente quando foi para trazer o santo, Santo Antônio, a gente se reuniu, teve assim muita palestra, o pessoal cantava, o pessoal aplaudiu, o pessoal dançava, quando a gente vinha vindo de lá para cá, que a gente vinha caminhando de lá até aqui para trazer ele, foi assim [...] A gente trazia ela na mão assim, a gente fazia... como é que a gente chama? Um andar e botamos eles tudinho, sabe? Aí vinham os homens e segurava lá e o outro segurava cá e ele vinha assim bem no meio, aí vinha aquela multidão assim tudo cantando, tudo cantando, que era para chegar e colocar ele aí, era assim (Bromélia, 04 de fevereiro de 2019)

Nessa caminhada, inclusive tinha o padre Tavares, era dois ou três padres. Nessa época quem tava na paróquia era o padre Tavares, não lembro como é o nome do outro, tinha três padres nessa mudança né. Eu estava nessa época (Flor de Algodão, 26 de dezembro de dezembro)

Neste momento da entrevista, todos nossos sujeitos de pesquisa ficaram emocionados e as lágrimas transbordaram de seus olhos. Assim, percebe-se que esse momento foi marcante para a história deles e da cidade, pois estavam abandonando o lugar onde construíram suas relações afetivas e as mais belas lembranças. Portanto, as narrativas apontam que apesar de ter sido um momento bonito, foi marcante a dor entoadada em forma de cantos e lágrimas, ao mesmo tempo de um eterno agradecimento registrado em forma de procissão onde todos queriam segurar o Santo Antônio - padroeiro da cidade - e missa, a fim de mostrar gratidão pela vida gerada, construída e nutrida naquele lugar a desaparecer.

Deste modo, esse episódio foi marcado pela coexistência dos sentimentos de revolta ao deixar a velha cidade e esperança ao marchar em direção da nova cidade registrado nas narrativas, olhares, expressões dos nossos sujeitos, como também no poema “A eterna Despedida”, do poeta novaiorquino Abdoral Caminha Reis, que também vivenciou esse período.

Adeus Nova Iorque/ Torção velho amigo/ Sempre estou contigo/ Na glória e na dor/ Mais hoje forçado/ Tristonho eu confesso/ De ti me despeço/ Oh! meu grande amor./ Em nosso desterro/ Que felicidade/ Bendigo a saudade/ Que sinto de ti/ Dos dias felizes/ Das horas fagueiras/ Das tuas palmeiras/ Que ficam aqui./ Levando comigo a eterna saudade/ Da nossa amizade/ Que não se desfaz/ Ficando aqui perto/ Serei teu vizinho/ Morrerei sozinho/ E não te vejo mais./ Recordarei sempre/ As belas paisagens/ Bonitas imagens/ Aqui do sertão/ E embora distante/ Do meu braço amado/ Ficará contigo/ O meu coração/ Da nossa casinha/ Que prazer nos dava/ Aonde é que estava/ Deus nosso senhor/ E a linda igreja/ Do meu Santo Antônio/ Levarei tristonho/ Junto a minha dor./ Adeus minha terra/ De boa esperança/ Onde a sã vingança/ Não se revelou/ Meus grandes amigos/ Daqui desterrados/ Comigo isolado/ Desejam-me bem/ Por isso eu imploro/ A virgem Maria trazer alegrias/ A inimigos também/ Adeus Parnaíba / de Margem sublime / Já não me redimes/ Na sede ou Calor /Olhai pra nós todos / No triste caminho / Que lá me restou/ Oh! velha cidade/ Minha doce amiga/ Que ainda mitiga/ Sofrimentos meus/ Aceita estes versos/ Que humilde te faço/E eu vou passo a passo/ Dizendo-te adeus.(A eterna despedida – Abdoral Caminha Reis)

Os versos do poema retratam o cotidiano da cidade, as casas, as paisagens, a religiosidade e a revolta por tal fato ter ocorrido, pois foram forçados a abandonar seus lares, entes queridos e amigos ali sepultados, “a sã vingança que não se revelou”. A saudade é exaltada nestes momentos de felicidades, alegrias e dores; e embora a cidade antiga estivesse ao lado da nova cidade, jamais poderiam vê-la novamente. Assim as

águas do rio Parnaíba já não o redimiam pelo fato de inundar suas vivências e memórias, por isso, pede a Deus e a Virgem Maria para abençoar a todos no momento que caminha passo a passo dizendo Adeus aquele lugar amigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto por ora apresentado integra um esforço em conhecer a história de Nova Iorque-MA, seus sujeitos e suas práticas, a fim de apreendê-las a partir de uma aproximação de verossimilhança.

Buscando alcançar o objetivo desse artigo, que foi compreender as memórias dos moradores da cidade em relação a construção da Hidrelétrica de Boa Esperança e, como elas são reelaboradas no processo de rememoração da submersão da “cidade velha” e reassentamento para um novo centro urbano, constata-se lutas simbólicas entre o moradores e os agentes do governo com a notícia da Construção da Hidrelétrica de Boa Esperança no final da década de 1950 e início da década de 1960, onde prevaleceu a imposição do mais forte, ou seja, do governo em nome do desenvolvimento energético do país, e com isso houve ruptura no modo de organização do cotidiano novaiorquino, pois as atenções dos moradores se direcionaram a inundação da cidade e a seus desdobramentos.

Assim, as narrativas evidenciaram momentos de reunião com assistentes sociais, a fim de discutir o processo de realocação dos moradores e construção da nova cidade. Deste modo, os sujeitos de pesquisa, ao evocarem suas memórias em relação a esse acontecimento, demonstraram um misto de sentimentos antagônicos: dor, saudades, revolta e esperança acrescida com a construção da nova Nova Iorque.

A organização social e cotidiana estabelecida na cidade até a década de 1960 entrou em processo desintegração e os moradores tiveram que reinventar seus passos a partir do que lhes foram impostos. A esse respeito, constata-se o mapeamento, por parte dos agentes governamentais, dos tipos de residências na cidade com intuito estabelecer os tipos de moradias correspondente a cada morador que possuía cada na “cidade velha” no intuito de compensá-los com uma nova casa na nova cidade, que seria construída. Por outro lado, quem não possuía casa na cidade velha ganhou um loteamento na nova cidade e a possibilidade de construção de casas aproveitando materiais deixados para trás na velha cidade.

No ato de despedida da cidade foi realizado uma missa e procissão vinculado a Igreja Católica Apostólica Romana da cidade, cujo, o padroeiro era Santo Antônio, com os moradores deixando a cidade velha para trás enquanto marchavam em direção a nova cidade.

Uma nova organização espacial e uma nova forma de socialização estava a surgir. “De onde viemos?” Os moradores sabiam de onde vinham, mas “Para aonde vamos?” A resposta para aqueles que vivenciaram esse acontecimento era sem dúvidas a incerteza de sonhar às margens do Rio Parnaíba. Sonho de esperança futuro, mas também um sonho de esperança em voltar ao passado e caminhar novamente na velha cidade de Nova Iorque.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Editora FGV, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRASIL. **Plano diretor de desenvolvimento econômico e social do Nordeste 1961-1963**. Recife: div. documentação, 1966.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3.ed- Rio de Janeiro: Forense, 2011.

COMPANHIA HIDRO-ELÉTRICA DA BOA ESPERANÇA. **Relatório de Atividades/1963**. Companhia Hidro Elétrica da Boa Esperança – COHEBE: Recife, 1964.

COMPANHIA HIDRO-ELÉTRICA DA BOA ESPERANÇA. **Plano de trabalho maio/dezembro 1969**. Companhia Hidro Elétrica da Boa Esperança – COHEBE: Recife, 1968.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

HALBWASCHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LIMA, Marconis Fernandes. **Cidade da Boa Esperança: memórias da construção da usina hidrelétrica em Guadalupe-PI**. 2007. Dissertação mestrado (Programa de Pós-Graduação em História do Brasil)- Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

Recebido em: 11/10/2022

Aprovado em: 16/11/2022

Publicado em: 24/11/2022